

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

Systematization of interventional-formative research: first discussions

Rodrigo Lima Nunes

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Ivaiporã-Brasil

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho

Fabiane Rizo Salomão

Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)

Presidente Prudente-Brasil

Resumo

Com base no método materialista histórico dialético e nos pressupostos da teoria histórico-cultural, objetivamos empreender discussões iniciais para a sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa, compreendendo a sua importância para as investigações realizadas, sobretudo, na área educacional. Cunhada no bojo das experiências investigativas efetivadas pelo Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria histórico-cultural (GEIPEEthc), em mais de uma década de produção de conhecimentos, esta tem por caráter a realização de atividades educacionais interventivas intencionalmente planejadas a fim de se aprofundar na compreensão e síntese das múltiplas determinações de um fenômeno, tendo como premissa teleológica a superação das amarras ideológicas alienadas e alienantes impostas pelo sistema de organização econômico e social capitalista.

Palavras-chave: Método Materialista Histórico e Dialético; Teoria Histórico-Cultural; Pesquisa Interventivo-Formativa.

Abstract

Based on the dialectical historical materialist method and the assumptions of historical-cultural theory, we aim to undertake initial discussions for the systematization of interventional-formative research, understanding its importance for investigations carried out in the educational area. Constructed from the investigative experiences carried out by the Group of Studies, Intervention and Research in School Education and Historical-cultural Theory (GEIPEEthc), in more than a decade of knowledge production, this research has the character of carrying out intentionally planned interventional educational activities in order to deepen the understanding and synthesis of the multiple determinations of a phenomenon, having as a teleological premise the overcoming of alienated and alienating ideological ties imposed by the system of economic and social capitalist organization.

Keywords: Historical and Dialectical Materialist Method; Historical-Cultural Theory; Intervention-Formative Research.

Introdução

A compreensão da realidade em suas múltiplas determinações, sobretudo aquela representativa das esferas humana e social, demanda – se estudada em uma perspectiva dialética – uma sistematização do processo investigativo que dê condições ao(a) pesquisador(a) explorar o seu objeto de estudo desvelando suas interconexões e unidades, avançando da aparência à essência, efetivando em sua consciência as ideações necessárias para a concreção do real em suas múltiplas determinações, movimento e contradições.

Para a efetivação desse processo, há a necessidade de utilização de ferramentas gnosiológicas que possibilitem a apreensão dos aspectos da realidade e, conseqüentemente, da produção do conhecimento em sua historicidade, qual seja, o método (MARTINS, 2008).

Tomando o método como meio para obtenção do conhecimento, ou seja, que propicia a ascensão da aparência fenomênica do objeto pesquisado à sua essência, por meio da captura de sua estrutura e dinâmica, possibilitadas por procedimentos conscientes de análise e síntese (NETTO, 2011), consideramos o Materialismo Histórico e Dialético como fundamentação metodológica e epistemológica imprescindível para a realização de pesquisas no campo educacional, que, para além da descrição do fenômeno, possibilite a sua compreensão e transformação, caracterizando-se como importante arma na luta por uma educação escolar para além dos limites impostos pela sociedade atual.

Destarte, o “fazer pesquisa” e a teoria resultante caracterizam-se como um processo de ideação consciente que expressa o movimento real do objeto, pois, como afirma Marx (1996, p. 16), no ato de investigação, o pesquisador “tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e de perquirir a conexão que há entre elas”. Mas, para que isso seja possível, faz-se necessário um tipo de pesquisa orientadora de determinados procedimentos os quais cumpram com o objetivo de possibilitar ao investigador se apoderar da especificidade do seu objeto (NETO, 2011).

Nesse caminho, levando-se em consideração as especificidades das pesquisas em educação escolar, o método materialista histórico dialético e a concepção metodológica com base na Teoria Histórico-cultural apresentam potencialidades inúmeras para a compreensão das relações entre ensino, aprendizagem e formação humana (NASCIMENTO, 2011). Assim, a pesquisa do tipo interventivo-formativa caracteriza-se como uma realização particular dessas perspectivas supracitadas, concebendo-se como um tipo de investigação

de caráter longitudinal, ao nosso ver, potente para o desvelamento e transformação dos fenômenos educacionais, calcado no estudo dos processos de transição e formação de novos aspectos psíquicos dos indivíduos escolares, ao provocar e tornar possível, através de atividades interventivas intencionalmente planejadas e conduzidas, a análise da gênese e desenvolvimento do fenômeno correspondente ao objeto a ser estudado, possibilitando o alcance de sua essência, estrutura e dinâmica.

É importante salientar que as discussões aqui realizadas são resultado de, ao menos, treze anos de estudos elaborados coletivamente no interior do Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria Histórico-cultural (GEIPEEthc), estudos esses organizados e efetivados em parcerias de longo tempo com escolas da cidade de Presidente Prudente e região, o que, factualmente, corresponde a um condicionante imprescindível para tornar possível a realização de pesquisas em tal perspectiva.

Desta feita, o presente texto tem como objetivo apresentar elementos iniciais para a construção e compreensão da pesquisa do tipo interventivo-formativa, com base nos princípios metodológicos e filosóficos do Materialismo Histórico e Dialético e na concepção metodológica calcada na Teoria histórico-cultural, e colaborar com a efetivação de uma educação escolar que caminhe no sentido de promover a humanização dos indivíduos em suas máximas possibilidades, emancipados, livres das amarras ideológicas e alienadas impostas pela sociedade capitalista.

O método materialista histórico e dialético

Articular a base epistemológica e metodológica do Materialismo Histórico e Dialético com a concepção metodológica e teórica da Teoria Histórico-Cultural, ao tratarmos de um processo investigativo, apresenta-se, para nós, como condição para a apreensão do real partindo do concreto caótico ao concreto pensado, da aparência fenomênica à essência do objeto estudado em suas múltiplas determinações, da quietude à dinamicidade do real, da identidade irreduzível às contradições, ou seja, da heterogeneidade fragmentada e caótica colocada no cotidiano em-si à uma miríade de determinações e inter-relações lógicas que só podem ser desveladas quando elaboradas por processos de pensamentos altamente complexos, sob a base de conhecimentos os mais elevados, entenda-se, aqueles que em seu âmago conseguiram e conseguem, de fato, expressar no plano abstrato a essência da realidade (NOVACK, 2006).

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

Desta feita, faz-se imprescindível o aprofundamento acerca dos princípios metodológicos que dão sustentação para a compreensão do tipo de pesquisa ora discutido, sobretudo porque essa se constitui sob a base de uma concepção filosófica e epistemológica diametralmente oposta àquelas que observamos serem hegemônicas nos estudos em educação na atualidade, em prol, portanto, de perspectivas de pesquisa contra hegemônicas e revolucionárias.

O método Materialista Histórico e Dialético se constitui enquanto uma longa elaboração teórica pautada nas formulações teórico-filosóficas elaboradas por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). A pesquisa marxiana, tinha por objetivo buscar a gênese, consolidação, desenvolvimento e as condições referentes à crise da sociedade burguesa, desenvolvida no bojo do modo de produção capitalista (NETTO, 2011). Neste caminho, tais formulações teóricas proporcionaram uma rica análise da estrutura e dinâmica da sociedade burguesa, com vistas à sua superação, além de desvelar uma lógica de interpretação da realidade qualitativamente superior à todas as outras elaboradas no âmbito das ciências humanas até então.

Sob essa ótica é que foram estabelecidos os fundamentos centrais do método que viabilizou à Marx e Engels uma análise fidedigna do fenômeno que buscaram estudar. Sendo assim, tratar sobre método, é tratar sobre a forma pela qual iremos apreender do fenômeno pesquisado as suas características, nuances, relações, interdependências, aspectos fundamentais, processos, contradições, enfim, as inúmeras determinações que configuram a realidade objetiva pesquisada. Neste sentido, o método assume a finalidade de orientar e direcionar todo o processo de investigação, a compreensão dos diferentes conceitos e concepções sobre a realidade e como podemos torná-la cognoscível, para que possamos conhecê-la em sua veracidade (NASCIMENTO, 2014).

Antes de tudo, toda formulação filosófico-metodológica, necessariamente, contempla uma determinada concepção de homem e de sociedade, a relação existente entre estes diferentes polos e, sobretudo, as possibilidades de construção do conhecimento. Dessa forma, devemos tomar por materialismo histórico o núcleo teórico-filosófico “produzido pela decodificação materialista dialética dos fenômenos da realidade, no que se inclui a natureza, a história, a vida social e o próprio homem” (MARTINS, 2008, p. 40), sempre sob a análise e orientação da lógica dialética. Neste caminho, é importante

destacarmos quais são os significados atribuídos às expressões *materialismo* e *histórico*, primeiramente, e, depois, à dialética, sob a ótica da concepção marxista.

De acordo com Martins (2008, p. 41):

Marx e Engels partem do princípio de que a realidade; e todos os fenômenos que a constituem; é material. Ou seja, existe objetiva e independentemente da consciência. A matéria é, portanto, o dado primário da existência e dela tudo depende, inclusive a consciência e o próprio pensamento humano. As sensações, as idéias, os conceitos, etc. não emergem da consciência a partir de si mesma mas originam-se na materialidade do real. O mundo objetivo é que será captado pelos sentidos e representado pela consciência, a quem competirá torná-lo cognoscível.

É nisto que se configura o termo materialismo. A realidade e os seus fenômenos existem independentemente da consciência que temos deles. A realidade material deve ser captada por nossos sistemas perceptivos e interpretada pela nossa consciência, fazendo com que ela se torne conhecida por nós. É importante salientar que neste ponto Marx e Engels estão se contrapondo a concepção filosófica idealista, que toma a consciência como sendo um atributo anterior à existência, sendo a realidade uma instância onde as ideias estão encarnadas, sendo elas, então, os condicionantes da realidade (MARTINS, 2008).

Contudo, a realidade não pode ser tomada enquanto estática e muito menos idêntica a si mesma; na verdade ela se apresenta enquanto “uma miríade de fenômenos que resultam da matéria em movimento, de processos naturais e sociais que se transformam continuamente, sendo assim: a realidade objetiva é a história de suas mudanças”. E estas mudanças se dão na relação ativa entre ser humano e natureza (MARTINS, 2008, p. 42).

A história é justamente o resultado dessa relação ativa, ou seja, “dos modos pelos quais os seres humanos organizam sua existência ao longo do tempo e diz respeito ao movimento e as contradições do mundo, dos homens e de suas relações” (MARTINS, 2008, p. 42). Se, por assim dizer, a realidade é material e dinâmica, a dialética deve ser entendida como a lógica que permite a sistematização dos princípios orientadores da construção do conhecimento acerca dos fenômenos da realidade, tomados em suas relações mútuas, interdependências e contradições, ou seja, em sua totalidade concreta.

Mas, então, como podemos situar qual é a concepção de ser humano e sociedade, levando em consideração as premissas centrais referentes à análise materialista histórica tecida por Marx? Este pensador coloca o trabalho no cerne de tal discussão filosófica. Para ele, esta atividade deve ser tomada como a responsável em coordenar as transformações históricas e sociais dos seres humanos e da própria sociedade. Sendo assim, deve ser

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

entendida em seu sentido ontológico, ou seja, como a atividade em que os indivíduos se relacionam com a natureza, transformando-a de acordo com suas necessidades. Nesse processo, ao modificar a natureza, os seres humanos modificam também a si mesmos, pois, para operar no trabalho é necessário antecipar mentalmente as finalidades que serão alcançadas pelas ações humanas, criando novas necessidades, para além daquelas dadas no plano imediato. É nesse processo dialético de transformação da natureza e de si mesmos, que se efetiva a constituição do mundo especificamente humano (SAVIANI, 2013).

Sendo assim, o processo de humanização dos seres humanos, ou seja, o processo de desenvolvimento singular de cada indivíduo em unidade com o desenvolvimento do gênero humano, de acordo com Marx (1996), se dá sob a base do trabalho. Portanto, é no decorrer das atividades realizadas e concretizadas no desenrolar da vida material e objetiva que o ser humano modifica a natureza e se apropria dela, criando instrumentos e os meios de produção destes, com objetivo de suprir suas necessidades mais básicas e caminhando na efetivação necessidades qualitativamente superiores, conseqüentemente, produzindo e reproduzindo o gênero humano.

Contudo, de acordo com Martins (2008), esse processo de produção da existência humana não é um ato isolado, individual, mas sim, coletivo, interdependente. Na verdade, seria impossível um único indivíduo criar, isoladamente, todas as condições e objetivações necessárias para manutenção de sua vida e, conseqüentemente, tornar-se um ser dotado de características especificamente humanas. Neste caminho, a atividade humana é sempre coletiva, de caráter social, sendo necessária uma organização societária para que sejam produzidas as condições para a manutenção da vida, produção e reprodução do gênero humano, além da transmissão dessas condições de uma geração a outra.

Na base de todas as relações sociais estão as relações sociais de produção. Ou seja, o trabalho por sua natureza é uma atividade coletiva e assim sendo, os seres humanos organizam-se em sociedade para produzirem suas condições de vida. E é exatamente no bojo dessas relações de produção que os indivíduos constroem não apenas os meios para sua sobrevivência, mas, sobretudo, edificam a si mesmos. Neste sentido, o aspecto essencial em toda e qualquer sociedade é o modo de produção sobre o qual se erige. A história de seu desenvolvimento se revela na história do desenvolvimento das forças produtivas - modos e meios pelos quais o ser humano produz - e das relações que, assim, estabelecem entre si (MARTINS, 2008, p. 46).

Este fato nos leva a entender que é a partir da análise do modo de produção que sustenta determinada sociedade, que se faz possível caracterizar sua estrutura e dinâmica do ponto de vista social, político e econômico. Portanto, para analisarmos o desenvolvimento dos seres humanos, devemos levar em conta a sociedade da qual este indivíduo faz parte, do mesmo modo que, para entendermos determinada sociedade, devem ser levadas em conta as formas de relações sociais que são mantidas pelo modo de produção que organiza e estrutura determinada sociedade.

Portanto, o materialismo dialético como método de análise da realidade, ofereceu a base para que Marx e Engels chegassem às suas concepções de indivíduo e sociedade. A concepção materialista histórica, que caracteriza suas discussões filosóficas, alicerça-se na ideia de ser humano enquanto um ser constituído e determinado por questões históricas e sociais e não somente biológicas, mas, sobretudo, considerando as forças produtivas e relações de produção presentes na sociedade capitalista, demonstrando a necessidade de superação desse modo de produção para que sejam possibilitadas condições efetivas de humanização dos seres humanos. Sendo possível tal análise desde que alicerçada em uma lógica que rompa com princípios pragmáticos, efêmeros e irredutíveis, qual seja, a lógica dialética.

Quando falamos de lógica, estamos tratando de uma ciência responsável em estudar os processos de pensamento (NOVACK, 2006). Sendo assim, tem por objeto o pensamento no processo de formulação de princípios explicativos sobre os fenômenos da realidade, tendo a ver, portanto, com determinado esquema subjetivo que dirige determinada forma de raciocínio. Neste caminho, cabe aos estudiosos da lógica, investigarem como se dá a articulação interna do pensamento ao serem elaborados conhecimentos sobre os diferentes fenômenos (MARTINS, 2008).

Em relação ao termo dialética, o mesmo advém do grego e tem por significado o ato de “debater ou conversar para se chegar à verdade, descobrindo e superando a contradição presente no raciocínio do interlocutor”. Foi Heráclito o seu proponente na filosofia, sendo sua ideia retomada, posteriormente, por Hegel, filósofo responsável em formulá-la enquanto método que enxerga a realidade a partir da contradição, movimento e da transformação das ideias (dialética idealista) (MARTINS, 2008, p. 52).

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

Marx e Engels, que no início foram discípulos de Hegel, acabaram por causar uma revolução quanto à formulação idealista da dialética daquele pensador, reinterpretando-a a partir de uma base materialista. Para eles, as transformações e mudanças não se dão, somente e por si só, na mente dos indivíduos, a partir das mudanças em suas categorias do pensamento, independentes de sua base material, como dizia Hegel¹ (NOVACK, 2006). Na verdade, o pensamento deve ser entendido como o reflexo subjetivo do movimento existente no mundo real, sendo a realidade, por consequência, anterior à consciência (MARTINS, 2008).

A partir disso, ressaltamos que a dialética sob a ótica Marxiana, necessariamente, assenta-se no estudo da realidade a partir de seu movimento, contradição e das mudanças que elas promovem. Dentre suas categorias gerais destacam-se, assim: a totalidade; a contradição e o movimento (MARTINS, 2008).

Considerar os fenômenos em sua totalidade é considerá-los enquanto síntese de múltiplas determinações, sendo assim, é impossível construir conhecimentos objetivos da realidade, levando-se em conta apenas as partes isoladas que a congregam. Faz-se importante considerar a realidade, permeada por fenômenos que apresentam em sua essência intervinculações e interdependências. Neste caminho, os dados, para serem compreendidos objetivamente, precisam ser analisados a partir dos condicionantes que os cercam, das inter-relações que apresenta (MARTINS, 2008).

Existe uma diferença fundamental entre a opinião dos que consideram a realidade como totalidade concreta, isto é, como um todo estruturado em curso de desenvolvimento e de auto-criação, e a posição dos que afirmam que o conhecimento humano pode ou não atingir a “totalidade” dos aspectos e dos fatos, isto é, das propriedades, das coisas, das relações e dos processos da realidade. No segundo caso, a realidade é entendida como o conjunto de todos os fatos. Como o conhecimento humano não pode jamais, por princípio, abranger todos os fatos – pois sempre é possível acrescentar fatos e aspectos ulteriores – a tese da concreticidade da realidade ou da totalidade é considerada uma mística. Na realidade, totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fator qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade. Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético – isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída – se não entendidos como partes estruturais do todo. O concreto, a totalidade, não são, por conseguinte, todos os fatos, o conjunto dos fatos, o agrupamento de todos os aspectos, coisas e relações, visto que a tal agrupamento falta ainda o essencial: a totalidade e a concreticidade. Sem a compreensão de que a realidade é totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa

para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si (KOSIK, 2002, p.43-44).

A totalidade concreta, ou seja, a compreensão da realidade como um todo dialético, que se transforma, permuta, cria e se recria, evolui e regride, que não se resume a um agrupamento de fatos imutáveis, de uma somatória de aspectos que são capazes de expressar a realidade em toda sua totalidade, é condição necessária para compreendermos os limites, mas acima de tudo, as possibilidades inerentes à análise do fenômeno a qual assumimos enquanto objeto de estudo. A realidade é totalidade concreta, contraditória e dinâmica, pressupõe movimento, sendo assim impossível de ser esgotada, o que nos permite enxergar o nosso objeto, como elemento da concreticidade, carregada de condicionantes, relações, contradições, estrutura e desenvolvimento que podem ser desveladas, desde que respeitadas as contradições e o movimento no qual a realidade como um todo se edifica. O objeto de estudo em específico é carregado de múltiplas determinações, assim como a realidade em sua totalidade, contudo tais múltiplas determinações são inesgotáveis, o que nos leva a uma feliz compreensão da riqueza que a lógica dialética pautada na materialidade do fenômeno, permite ao desenvolvimento do conhecimento da realidade. Enxergar a ciência nessa perspectiva, não é assumi-la como relativa, como querem os pós-modernos, mas assumi-la como uma miríade interminável de determinações que é cognoscível desde que respeitadas os limites quanto a análise das potências com a qual a contradição e o movimento conduzem a totalidade. Tornar cognoscível o objeto é, portanto, enxergá-lo também em suas contradições e movimento, em seus limites e possibilidades, nos elementos possíveis de serem interpretados em um determinado momento, não estático, mas em movimento, expressando, assim, a beleza e a complexidade na construção de um conhecimento pautado na lógica dialética.

Já a categoria contradição tem por princípio que todos os fenômenos presentes na realidade apresentam contradições internas que são fundamentais para sua análise. Sendo assim, todas as coisas são e não são ao mesmo tempo, são opostos que se fazem interiores a um determinado fenômeno e movimentam-no em direção a sua transformação. Deste fato é que se postula que todo desenvolvimento se caracteriza pelo movimento sintetizado na luta dos contrários (MARTINS, 2008).

“Uma coisa não só é ela mesma, mas ao mesmo tempo outra. A não é simplesmente igual a A; também é, mais profundamente, igual a não A” (NOVACK, 2006, p. 78-79). Ao

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

falamos dessa categoria unidade dos opostos, torna-se possível vislumbrar possibilidades infinitamente maiores na caminhada em busca da essência do fenômeno estudado, pois, é claro que, por exemplo, Maria, é ela mesma, ou seja, que Maria é Maria, não há dúvidas que sim, mas, de uma forma mais aprofundada, Maria é diferente e muito mais que só Maria, ela é uma mulher, parte da humanidade, um indivíduo, que carrega em-si a história do gênero humano e, ao mesmo tempo, possui suas especificidades únicas e irrepetíveis (NOVACK, 2006).

Daí que podemos compreender a contradição posta entre aparência e essência de determinado fenômeno, que, dialeticamente, como não poderia deixar de ser, também não são estáticas, fazem parte do movimento da realidade, transformando-se. Como afirma Novack (2006, p. 94), “A essência de uma coisa evolui e se realiza ao largo do processo de evolução do objeto material em si. É um aspecto integral e inseparável do objeto que compartilha todas as vicissitudes de sua história.

Desta feita, a contradição não é a negação do oposto, mas é condição para compreensão da história da constituição do objeto (de estudo), tornando cognoscível a essência por meio de seu oposto, ou seja, a aparência. Assim sendo a aparência não exprime em totalidade a essência de um fenômeno, mas, por contradição, expressa em síntese a totalidade dos elementos sem os quais não assumiria tal aparência, que, tendo em vista o movimento da realidade, fator também fundamental para a dialética, estão em constante transformação (NOVACK, 2006).

A categoria movimento, portanto, toma a realidade enquanto um processo incessante de transformação e renovação de suas determinações compreendidas do ponto de vista da realidade concreta e da dinâmica posta na contradição entre aparência e essência. Assim, para se chegar à essência de um determinado fenômeno, há que considerá-lo em constante movimento de transformação, superação e contradição, sendo assim, faz-se necessário levar em consideração o seu estado atual, como era e como poderá ser no futuro (MARTINS, 2008).

A totalidade é dinâmica, ou seja, possui um movimento resultante dos processos de mediação que se efetiva historicamente a partir das contradições postas na realidade. Dizer, pois, que a realidade possui movimento, corresponde a compreendê-la enquanto um processo de transformação interminável, contudo, não linear e nem irreduzível, ou seja, dinâmico e contraditório.

Convém afirmar que assumir este método é assumir uma postura revolucionária, sobretudo diante das mazelas impostas pelo modo de produção capitalista, buscando sua superação. Marx foi um pensador que colocou em sua obra a necessidade da busca pela análise da realidade em sua veracidade, em prol da classe trabalhadora e da revolução socialista (NETTO, 2011).

Uma pesquisa que se pautar no método Materialista Histórico e Dialético, tem como necessidade precípua a busca pela verdade, independente das vontades e desejos do pesquisador, sendo ele mesmo, elemento da pesquisa, colocando-se, a todo momento, em contato com a realidade a qual busca abstrair e em contradição com as crenças e limites impostos pela própria concreticidade na qual se constituiu. A relação do próprio pesquisador com o seu objeto pressupõe contradição e movimento, haja vista um estudo que busca o enfrentamento das relações sociais alienadas e que se realiza no bojo de uma estrutura social que tem por princípio o fenômeno da alienação, o que, necessariamente, acaba por corroborar com a construção de subjetividades alienadas, inclusive a do próprio pesquisador.

Como superar tamanha contradição? Mantendo-se na materialidade, na historicidade, na contradição, no movimento e na busca pela essência do fenômeno estudado, pois nada está pronto e acabado. Este método assume, em última instância, o vir-a-ser, a transformação qualitativa da realidade; e o pesquisador sendo elemento da realidade, também deveria e deve passar por um processo de transformação qualitativa de sua subjetividade.

Nesse caminho, os fundamentos metodológicos do método materialista histórico dialético em relação a construção do conhecimento, esclarece que:

[...] o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto (NETTO, 2011, p. 20-21).

Construir conhecimento, portanto, nesta concepção, é um movimento no qual o pesquisador desvela a estrutura e dinâmica do fenômeno estudado, a partir de uma abstração pautada na realidade objetiva. Sendo assim, o conhecimento representa o

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

movimento real do objeto interpretado por aquele que pesquisa. Contudo, para se chegar à estrutura e dinâmica de um dado fenômeno é necessário submetê-lo a uma análise que vá para além de sua simples aparência imediata e empírica. Faz-se necessário, como já foi discutido, alcançar sua essência.

Para o materialismo histórico dialético a construção do conhecimento objetivo demanda a superação da apreensão aparente em direção à apreensão essencial do fenômeno. Postula que o mundo empírico representa apenas a manifestação fenomênica da realidade em suas definibilidades exteriores, isto é, os fenômenos imediatamente perceptíveis desenvolvem-se à superfície da essência do próprio fenômeno. Fundamentando-se neste princípio marxiano, Kosik (1976, p.168) afirma que a essência do fenômeno não está posta explicitamente em sua pseudoconcreticidade (concretude aparente) e não se revela de modo imediato, mas sim, pelo desvelamento de suas mediações e de suas contradições internas fundamentais (MARTINS, 2008, p. 56).

Chegar à essência de um dado fenômeno, então, é alcançar a sua forma e conteúdo carregado de mediações, contradições e movimento, a partir de abstrações as mais complexas, que só será possível em um processo de abstração altamente complexo, dadas no plano do pensamento teórico. Neste caminho, para superar a aparência dos fenômenos em direção à sua essência, faz-se necessário o desvelamento das ligações imanentes às intervinculações existentes em sua estrutura, isto é, torna-se necessário caminhar em direção às suas múltiplas determinações (MARTINS, 2008).

A divergência e coincidência da aparência e da realidade são especialmente importantes para compreender como progride o conhecimento da experiência diária à compreensão científica. As coisas, tal como são, nos manifestam primeiramente com características contraditórias e equívocas e que são por sua vez importantes e secundárias. Seu aspecto imediato pode estar em conflito com seu ser, real. Ao mesmo tempo, este fenômeno nos proporciona pistas que podem mostrar o ilusório da manifestação exterior e abrir caminho a uma compreensão de seu conteúdo básico, já que a essência se apresenta sob diversas aparências e através delas (NOVACK, 2006, p. 104).

Alcançar tal nível analítico é o que se faz fundamental na pesquisa interventivo-formativa, para que seja possível, assim, o caminho do todo caótico às partes integrantes do fenômeno e o retorno ao todo, não mais caótico, mas sim, pensado a partir de suas múltiplas determinações (PAULO NETTO, 2011).

Em resumo, como nos explica Martins (2008, p. 57):

[...] a implementação do método marxiano pressupõe como ponto de partida a apreensão do real empírico, imediato, que convertido em objeto de análise por meio dos processos de abstração resulta numa apreensão de tipo superior, expressa-se como concreto pensado. Porém, esta não é a etapa final do processo, uma vez que as categorias interpretativas, as estruturas analíticas constitutivas do

concreto pensado serão contrapostas em face do objeto inicial, agora captado não mais em sua imediatez, mas em sua totalidade concreta. Este processo pode ser assim sintetizado: parte-se do real aparente (empírico), procede-se à sua exegese analítica (mediações do pensamento), retorna-se ao real, agora captado como real concreto... como síntese de múltiplas determinações.

Caminhar, portanto, em direção as múltiplas determinações referentes a um fenômeno, não é um trabalho simples. Tal investigação carrega em si a necessidade de que o pesquisador tenha a capacidade de mobilizar um conjunto de conhecimentos os mais complexos, colocá-los a prova da crítica, tendo como critério de verdade a própria realidade, investigando-os e revisando-os sob a base de um conjunto de funções psicológicas as mais desenvolvidas como imaginação, pensamento, memória, além de uma densa criatividade. Sendo assim, para sair de uma apreciação do fenômeno em sua forma mais aparente e alcançar a sua essência faz-se necessário analisar as mediações, suas relações primordiais, demonstrando suas unidades, resolvendo, assim, os conflitos entre a forma externa e sua estrutura interna, a partir da utilização de ferramentas gnosiológicas que respaldem tal processo, o que, sobretudo, é possibilitado por uma concepção metodológico que dê essa condição.

Concepção metodológica histórico-cultural e a pesquisa do tipo interventivo-formativa

Quando falamos em processo de construção de conhecimento, podemos assumir como bases epistemológicas diferentes vertentes que nos levam, indubitavelmente, a diferentes formas de realização de uma pesquisa, diferentes resultados e diferentes possibilidades de direcionamentos a *posteriori* (para algumas, nem isso). Positivismo, Fenomenologia, Materialismo Histórico e Dialético, são possibilidades que se colocam na construção dos conhecimentos em ciências humanas e sociais, mas como formas diferentes de enxergar, pensar, analisar e explicar (dependendo da que for utilizada) a realidade estudada.

Ao assumir a base epistemológico-metodológica Materialista Histórica e Dialética, tomamos como princípios explicativos gerais as categorias historicidade, movimento e contradição para o processo de compreensão do objeto pesquisado, desde o levantamento bibliográfico, planejamento, organização e execução, até as possibilidades de categorização e análise dos dados obtidos ao longo do processo de pesquisa interventiva-formativa, bem como o próprio vir a ser que se expressa nas proposições necessárias a transformação da

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

realidade pesquisada e possibilidades de continuidade e futuros aprofundamentos acerca daquilo que se estuda (VIOTTO FILHO; NUNES; SANTOS; FELIX, 2018).

Contudo, duas questões se colocam como condição para o entendimento da necessidade de construção do tipo de pesquisa ora proposto: 1 – Tomar o método Materialista Histórico e Dialético como princípio explicativo geral não corresponde a possibilidade de aplicação direta de tal método à realidade escolar, tendo em vista, sobretudo, que os objetos de estudo - para Marx a sociedade burguesa; para a educação a atividade pedagógica -, mesmo uma fazendo parte da outra, por contradição, apresentam diferenças, demandando a necessidade de algumas mediações concatenadas com uma concepção metodológica que dê conta de orientar o caminho a ser trilhado no processo investigativo no campo da educação. Superando, assim, meras colagens das citações de Marx para explicar aspectos específicos a este campo; 2 - Para que sejam alcançadas, de fato, a essência dos fenômenos, não nos mantendo, assim, em uma análise linear de causa e efeito, ou calcados em uma visão macroscópica, ou seja, gerencialista e não passível de generalizaçõesⁱⁱ, há a necessidade de nos pautarmos em determinada concepção metodológica condizente com o método.

Nesse sentido, a concepção metodológica genético-causal (ou genético-modeladora) de Vigotski (2010) em psicologia, bem como sua expressão particular na relação entre pedagogia e psicologia, qual seja, o experimento formativo (ou experimento genético-modelador) de Davidov (1988), são base para a construção da pesquisa interventivo-formativa.

De acordo com Delari Junior (2000), os princípios do método “genético causal” podem ser sintetizados como: a) a necessidade de tomar o objeto a ser analisado em seu processo e não como objeto estanque; b) ir em direção a sua essência, superando uma visão pautada somente na aparência do fenômeno; c) explicar as determinações a partir das causas referentes à gênese e transformação do objeto estudado, não somente descrevendo seus efeitos.

Nesta contenda, assumindo a atividade social educativa enquanto possibilidade de apropriação dos seres humanos das objetivações materiais e simbólicas, tomamos os pressupostos Vigotskianos de que qualquer função de caráter superior se dá primeiro no plano social (interpsíquico), para assim fazer parte do plano individual (intrapíquico) dos indivíduos e que “[...] o bom ensino é aquele que passa adiante do desenvolvimento e o

conduz, atuando sobre aquilo que ainda não está formado na criança: [...] o ensino deve fazer o desenvolvimento avançar” (VIGOTSKI, 2010), para efetivar uma pesquisa de caráter interventivo-formativa, ou seja, uma pesquisa que, a partir da organização e execução de processos de ensino e aprendizagem, nos dê a possibilidade de compreender o fenômeno em seu processo de gênese e desenvolvimento, estrutura e função, tendo como base as atividades que efetivam tal processo.

Como afirma Davidov (1988), é possível a realização de atividades de ensino que promovam aprendizagens e o desenvolvimento das funções mais complexas, de caráter superior, específicas aos seres humanos, a partir da intervenção ativa do pesquisador no processo de formação do psiquismo do indivíduo escolar. Isto se processa através da utilização de instrumentos e meios pedagógicos que são especialmente elaborados para que tal ensino seja efetivado, sendo, portanto, possibilitadas as condições efetivas de análise do fenômeno a ser desvelado em sua essência.

Para o método do experimento formativo é característico a intervenção ativa do investigador nos processos psíquicos que ele estuda [...]. Para nós, se pode chamar ao experimento formativo experimento genético modelador, o que plasma a unidade entre a investigação do desenvolvimento psíquico das crianças e sua educação e ensino (DAVIDOV, 1988 p.196).

Assim,

A essência desse método se expressa no estudo dos processos de transição a novas formas do psiquismo, no estudo das condições de surgimento de um ou outro fenômeno psíquico e na criação experimental das condições necessárias para que surjam. Tal investigação transcorre como projeção e modelação do processo de desenvolvimento (DAVIDOV, MÁRKOVA, 1987, p. 326).

Destarte, conforme Viotto Filho (2018, p.32), o conceito de intervenção-formativa relaciona-se "à uma forma diferenciada, consciente e crítica de atividade coletiva de pesquisadores, orientada pelo método materialista histórico e dialético, com objetivo de transformar a realidade concreta dos sujeitos participantes do processo de pesquisa", na qual, através da sistematização, organização e direção intencionais de intervenções calcada no objeto de pesquisa a ser investigado, sejam realizadas atividades pedagógicas desenvolventes que “promovam o surgimento das neoformações psíquicas mediante sua formação orientada” (DAVIDOV, 1988, p. 195).

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

Nossa preocupação mais premente, considerando o processo de pesquisa interventivo-formativo, é a efetivação, então, de uma investigação que possibilite uma análise que de fato se aproxime, o mais fidedignamente possível, de uma explicação aprofundada e coerente do fenômeno estudado, não se limitando à uma mera descrição de elementos isolados, fato que levaria o pesquisador à uma apreciação pragmática, efêmera, limitada do objeto, como afirma Vigotski (2010, p.5):

O primeiro método de análise psicológica poderia ser denominado decomposição das totalidades psicológicas complexas em elementos. Ele poderia ser comparado à análise química da água, que a decompõe em hidrogênio e oxigênio. Um traço essencial dessa análise é propiciar a obtenção de produtos heterogêneos ao todo analisado, que não contém as propriedades inerentes ao todo como tal e possuem uma variedade de propriedades que nunca poderiam ser encontradas nesse todo. [...] ao tentar explicar cientificamente quaisquer propriedades da água - por exemplo, por que a água apaga o fogo ou se aplica à água a lei de Arquimedes -, acabasse dissolvendo a água em hidrogênio e oxigênio como meio de explicação dessas propriedades. Ele veria, surpreso, que o hidrogênio é autocombustível e o oxigênio conserva a combustão, e nunca conseguiria explicar as propriedades do todo partindo das propriedades desses elementos. No processo de análise eles evaporariam e se tornariam voláteis, e ao pesquisador não restaria senão procurar uma interpretação mecânica externa entre os elementos para, através dela, reconstruir por via puramente especulativa aquelas propriedades que desapareceram no processo de análise, mas que são suscetíveis de explicação.

Portanto, no centro das discussões travadas até então, eleva-se como circunstância *sine qua non* ao processo de compreensão da pesquisa do tipo interventivo-formativa a categoria atividade, tendo em vista que é a partir dela que se torna possível a efetivação e o desvelamento do objeto estudado, seja na análise diacrônica (gênese e desenvolvimento), seja na análise sincrônica (estrutura e função).

O processo de desenvolvimento dos indivíduos singulares se dá, então, sob a base da atividade social, efetivando-se a partir da mediação dos instrumentos, relações sociais e apropriação e objetivação da linguagem. Aquilo que se apresenta como especificamente humano não está dado ao ser humano em seu aparato biológico. As funções psíquicas superiores (especificamente humanas) se apresentam como produto do processo de apropriação pelos indivíduos das objetivações humanas historicamente construídas, a partir das ações que os mesmos realizam nas atividades efetivadas durante a sua vida individual (DUARTE, 1996).

Nesse caminho, a Teoria histórico-cultural assume a relação dialética presente na categoria marxiana de trabalho, reconhecido como pressuposto fulcral da constituição do

psiquismo humano, generalizando-a à discussão sobre atividade, entendida enquanto categoria explicativa do desenvolvimento da consciência humana (ASBAHR, 2011).

A atividade prática humana entendida como condição fundamental ao processo de constituição das características especificamente humanas em cada indivíduo, bem como condição ao processo de construção do gênero humano, devem ser consideradas o ponto de partida e de chegada para a análise dos processos de constituição da consciência. Desta feita, assumir a unidade dialética entre atividade e consciência, radica na compreensão do psiquismo humano “como um processo no qual a atividade condiciona a formação da consciência, e esta por sua vez a regula: ‘trata-se de firmar a impossibilidade da separação entre ambas, ou seja, afirmar sua interconexão, sua intercondicionalidade’” (MARTINS, 2001 *apud* PASQUALINI, 2006, p. 88).

Em síntese, é a partir da e na atividade que se efetivam o desenvolvimento das funções psicológicas especificamente humanas, da consciência, sendo assim, para que seja possível um estudo que explore o desenvolvimento destas, sobretudo no âmbito da educação escolar, há que ser efetivado um processo investigativo que se pautar na construção de experimentos, atividades, interventivo-formativas com o objetivo de intencional, engendrar e avaliar o desenvolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, para a compreensão da estrutura e dinâmica do objeto estudado (ASBAHR, 2020).

Considerações finais

Ao longo desse texto buscamos evidenciar os aspectos basilares para a sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa, a qual julgamos carregar grande potencialidade para as investigações em âmbito da educação escolar, tomando como referência a base epistemológica e metodológica do Materialismo Histórico e Dialético, bem como as especificidades da concepção metodológica pautada na Teoria Histórico-cultural expressa pelo experimento genético-causal de Vigotski e o experimento formativo de Davidov, assumindo a categoria atividade como central para o processo de gênese, desenvolvimento, análise e síntese das múltiplas determinações do objeto de pesquisa a ser investigado.

Pensar, pois, a pesquisa, pressupõe a necessidade da busca por ferramentas gnosiológicas que balizem as possibilidades para a compreensão do fenômeno com

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

fidedignidade, tornando possível o desvelamento de suas nuances e interconexões que estão expressas em sua essência e não são dadas, de forma imediata, pela sua aparência. Desta feita, tomar como procedimento experimental uma atividade (ou conjunto de atividades) que propunha uma intervenção intencionalmente planejada e aplicada, de modo a tornar possível as condições para a formação nos indivíduos dos aspectos inerentes ao objeto estudado, apresenta-se como uma valiosa especificidade metodológica, desde que respeitados alguns princípios para sua efetivação.

Neste sentido, norteados pelos 13 anos de pesquisas realizadas pelo GEIPEEthc junto as escolas, anunciamos alguns postulados necessários para a efetivação do presente tipo de pesquisa tendo em vista cumprir com os objetivos supracitados: a) Explicar o fenômeno e não simplesmente descrevê-lo radica na necessidade de caminhar de sua aparência em direção à sua essência, desvelando suas múltiplas determinações, para tanto, pensando a dialética entre qualidade-quantidade, há que se pensar em condições longitudinais de investigação, nas quais o pesquisador, ou coletivo de pesquisadores, deverão estar presentes (de forma ativa e não passiva) um tempo considerável no espaço (escola) e junto às pessoas as quais farão parte do processo investigativo, de modo a se tornar parte deste. b) Buscando romper com visões individualistas e muitas vezes limitadas do objeto de investigação, além da necessidade de se considerar as condições reais e efetivas para a realização da pesquisa, o trabalho coletivo, ou seja, um conjunto de pesquisadores e colaboradores participantes ativos do processo de planejamento, execução, análise e síntese, coloca-se como conjuntura imprescindível para a execução do tipo de pesquisa ora proposto. c) Considerando as assertivas de que o “trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2013, p.13) e que o ser humano “é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade” (LEONTIEV, 2004, p. 261), por um lado, torna-se fulcral tomar como fundamentos teóricos perspectivas que assumam uma concepção de mundo, de indivíduo, de formação humana, de educação concernentes com tais assertivas, pois, do contrário, um paradoxo intransponível será instaurado, tornando a investigação impossível de ser realizada; por outro, há que serem levadas em consideração a história, movimento e contradição do objeto a ser investigado em consonância com a conjuntura da realidade em que tal pesquisa será efetivada, para que

assim seja possível, de fato, a construção de momentos interventivos que incidam na formação humana dos indivíduos participantes da pesquisa. d) A prática social deve ser considerada como parâmetro nuclear para o processo investigativo, bem como da construção do conhecimento a partir do objeto da pesquisa, estando nela os critérios necessários para a validação de tal produto, balizando, do ponto de vista do vir a ser do conhecimento, as possibilidades para a transformação da realidade em uma perspectiva que caminhe contrariamente as relações alienadas e alienantes presentes na sociedade atual circunscritas na atual barbárie social.

Consideramos, portanto, que as questões aqui discutidas, mesmo estando alocadas a aspectos concernentes, especificamente, ao processo de construção do conhecimento em educação, aliam-se à luta em defesa de uma escola de qualidade a todas e todos, com vistas a superação das mazelas impostas pela sociedade do capital e em direção a humanização e emancipação dos indivíduos nas máximas possibilidades dadas.

Referências

ASBAHR, F. S. F. A pesquisa sobre formação de pensamento teórico. **Rev. Simbio-Logias**, v. 12, n. 017, 2020.

ASBAHR, F. S. F. **“Por que aprender isso, professora?”** Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. Tese de doutorado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DAVIDOV, V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico:** Investigación psicológica teórica y experimental. Traducción de Marta Shuare. Moscú: Progreso, 1988.

DAVIDOV, V. V.; MÁRKOVA, A. La concepcion de la actividad de estudio de los escolares. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (Orgs.) **La psicología evolutiva y pedagogía en la URSS:** antología. (pp. 316-337). Moscou: Progreso, 1987.

DELARI JUNIOR, A. **Consciência e linguagem em Vygotsky:** aproximações ao debate sobre a subjetividade. 2000. 224 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2000.

DUARTE, N. **A individualidade para-si:** Contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1996.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2002.

Sistematização da pesquisa do tipo interventivo-formativa: primeiros apontamentos

LEONTIEV, A. **Actividad, conciencia y personalidad**. Havana: Editorial Pueblo y Educación. 1983.

LEONTIEV, A. **Atividade e consciência**. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Revista Dialectus, n. 4, jan./jun., 2014, p. 184-210.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro: Horizonte, 2004.

MARTINS, L. M. Introdução aos Fundamentos Epistemológicos da Psicologia Sócioistórica. In: MARTINS, L. M. (Org.). **Sociedade, Educação e Subjetividade: Reflexões Temáticas à Luz da Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p.36-60, 2008.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NASCIMENTO, C. P. A organização de pesquisas em psicologia e educação na teoria histórico-cultural: o ensino e a formação do pensamento teórico. **CONPE**. Maringá, 2011.

NASCIMENTO, C. P. **A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal**. 293 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NETTO, J. P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOVACK, G. **Introdução à lógica marxista**. São Paulo: Sundermann, 2006.

PASQUALINI, J. C. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: Desenvolvimento infantil e ensino em Vigotski, Leontiev e Elkonin**. 2006. Dissertação (Mestrado em educação escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2006.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 2013.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

VIOTTO FILHO, I. A. T. Apresentação - Processo grupal e construção coletiva do conhecimento: a história do GEIPEEthc. In: VIOTTO FILHO, I. A. T.; NUNES, R. L. SANTOS; A. A. N.; FELIX, T. S. P. (Org.) **Processo grupal e práxis científica educativa: A história do GEIPEEthc**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

VIOTTO FILHO, I. A. T.; NUNES, R. L. SANTOS; A. A. N.; FELIX, T. S. P. (Org.) **Processo grupal e práxis científica educativa: A história do GEIPEEthc**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

Observação: Artigo oriundo de um capítulo de tese de doutorado em Educação.

Notas

ⁱ Marx e Engels não desconsideraram a importância de Hegel no que tange a evolução que o mesmo efetivou no plano da lógica, contudo, foram capazes de enxergar os limites postos em sua formulação e superá-la por incorporação, reformulando a lógica dialética sob a base materialista, deixando de lado os condicionantes idealistas nas formulações de Hegel (NOVACK, 2006).

ⁱⁱ Sermos capazes de produzir generalizações acerca do objeto que nos propomos estudar é condição para o método materialista histórico e dialético, pois são a partir delas que conseguimos colocar em movimento a própria construção dos conhecimentos e analisarmos a veracidade das proposições alcançadas em nossa pesquisa. Ao contrário, sermos generalistas corresponderia a nos mantermos em uma descrição geral, superficial, aparente do fenômeno estudado, o que ocasionaria em idealismos, fato que desde o início da exposição afirmamos enquanto sendo algo prejudicial ao processo de construção de conhecimentos científicos.

Sobre os autores

Rodrigo Lima Nunes

Doutor e Mestre em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/UNESP – Presidente Prudente. Licenciado em Educação Física pela mesma instituição. Professor Colaborador no curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – Campus Regional do Vale do Ivaí (UEM/CRV) e membro do Grupo de Estudos Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria histórico-cultural (GEIPEEthc).

E-mail: rlnunes2@uem.br Orcid: 0000-0002-5784-0081

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho

Livre Docente em Educação e Desenvolvimento Humano, Doutor em Psicologia da Educação com pós-doutorado na University of Bath/Inglaterra. É docente/pesquisador do programa de pós-graduação em Educação e do Depto. de Ed. Física da Unesp - Pres. Prudente e coordenador do Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria histórico-cultural (GEIPEEthc).

E-mail: tuim.viotto@unesp.br Orcid: 0000-0001-5872-4341

Fabiane Rizo Salomão

Mestra e doutoranda em Educação pela FCT/Unesp (2017), Psicóloga pela Universidade do Oeste Paulista - Unoeste (2001), Especialista em Educação Especial pela Univel (2010). Psicóloga da SEDUC de Presidente Prudente. Membro do Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria histórico-cultural (GEIPEEthc), da FCT/Unesp de Presidente Prudente.

E-mail: salomaopsico@yahoo.com.br Orcid: 0000-0002-0906-6095

Recebido em: 15/12/2021

Aceito para publicação em: 05/01/2022